

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Boa União

código
AIII – FO2 - Val

localização
Rodovia RJ-153, 3º distrito, Santa Isabel do Rio Preto

município
Valença

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado leiteiro / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



fonte: IBGE - Santa Rita de Jacutinga

situação e ambiência

Propriedade situada às margens da Rodovia RJ-153, circundada por morros em formato de meia laranja, geografia típica da região, acrescida, neste caso, por trechos esparsos de mata nativa e árvores de médio e grande porte, à volta da casa-sede. Dois córregos compõem o cenário, um paralelo à rodovia e outro aos fundos, no descampado da lateral direita.



02



04



06

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Annibal Affonso Affonso Magalhães da Silva - nov 2007
Mauro Reis e Rita de Fátima
Adriano Novaes / Fernando Pozzobon

revisão / data
Alberto Taveira - fev 2008

A visão da casa-sede é encoberta por um pomar que apresenta, em primeiro plano, algumas árvores frondosas e mantém, próximo, um pequeno bloco para garagem, aparentando ser remanescente de uma construção histórica.

A casa-sede está implantada no declive do morro, de forma perpendicular a este, com a lateral direita da fachada principal, onde fica os acessos à casa, voltada para uma área externa plana, ao nível do piso residencial.

Um corte de cerca de 3m no terreno proporcionou que, tanto a fachada frontal, quanto a lateral esquerda, formassem um porão habitável, onde o terreno se espraia para uma área plana, tendo, quase alinhados à casa, os blocos do curral, que a certa distancia, também bloqueiam parcialmente a vista panorâmica que se tem desta fachada, emoldurada ao fundo por árvores frondosas e pela rala vegetação de pastagem, nos morros (f.04 e 06).



05



07



08

Casa desenvolvida em um bloco retangular, sobre porão habitável, seguido de outro secundário aos fundos. Está assente, pelo lado direito, sobre muro de contenção em pedra seca de mão e mantém arcabouço estrutural em madeira, consubstanciada por pilares, frechais, madres, barrotes e contra barrotes. Há intervenções para reforço com pilares de concreto (f.11 e 13).

Apresenta alguns trechos do piso do pavimento inferior (porão) ainda com o assoalho de madeira em junta cega e os demais em terra (f.12). No pavimento superior, o bloco principal mantém assoalho em madeira junta cega (f. 16) e, o bloco dos fundos, piso cerâmico.

No fechamento das alvenarias, o pavimento inferior (porão) conjuga o pau-a-pique com intervenções em tijolo de barro (f. 09, 13 e 17). No pavimento superior, há fechamentos em pau-a-pique no bloco principal e, no bloco acrescido, paredes de tijolo de barro.

O forro de madeira possui tratamento em saia e camisa e a cobertura aparenta ainda possuir a trama estrutural original (tesoura, cumeeiras e terças), mantendo telhado em quatro águas no bloco principal, e em duas águas no secundário, ambos com ponto elevado, característico do caimento da telha capa e canal.

Os beirais tem balanço proeminente (f.22) e a edificação possui cimalha em madeira contornando todo o bloco histórico, com inclinação de 45° em relação a fachada, e pintada nas cores azul escuro e amarela (f.18, 21 e 22).

Por estar implantada no sentido longitudinal, a fachada principal, apesar de mais simplória, localiza-se na face mais estreita, escorada à direita pelo corte de terra. Constituída de dois pavimentos, mantém à direita, no nível térreo, uma janela e uma porta que utilizam a própria madre como verga e, à esquerda, um fechamento de tijolo de barro formando, na parte superior, um cobogó que destoa de sua linha arquitetônica. O pavimento superior possui quatro janelas, com esquadrias com duas folhas cegas de abrir, pintadas de azul e antecedidas por guilhotinas vidradas na cor branca, mantendo umbrais pintados em azul escuro, cor utilizada na cimalha e nas extremidades, em madres e nos frechais. Marcando o eixo de simetria da composição, pouco abaixo da cimalha, uma cartela em estuque, no formato de losango e com a moldura pintada em amarelo, onde se lê a data de 1873.

A fachada lateral direita, por onde é feito o acesso nobre ao interior da casa, através de um lance de quatro degraus em pedra, está assentada no platô superior e tem pavimento único, voltado para um espaço exterior gramado.

A fachada lateral esquerda tem tratamento imponente, devido à sua volumetria de sobrado, não havendo, porém, ritmo ou simetria nas aberturas dos dois pavimentos, uma vez que o inferior configura-se como um porão habitável e o superior apresenta vãos com espaçamento algo descuidados, que não respeitam modulação precisa. As peças estruturais, como pilares, madres e frechal, apresentam-se mais visíveis por estarem pintadas de azul, destacando-se as janelas superiores que, por possuírem sobreverga, são as mais ricas do prédio.



17



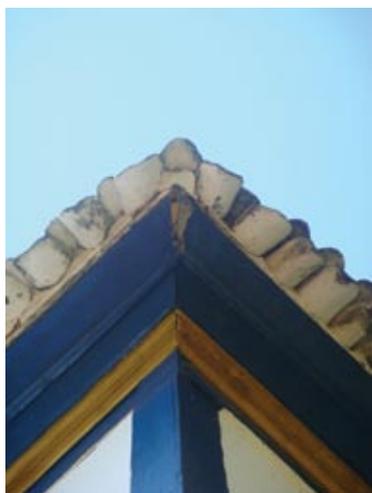
18



19



20



21



22



23



24



25



26

Foram observados reforços de pilares de concreto no contra-barrote, ao nível do porão (f.11) e na fachada lateral direita (f.13).

Há trincas na parede esquerda da sala de almoço (f.14) e na parte superior da parede que divide a circulação com o salão (f.15), bem como sinais de estufamento no revestimento de algumas paredes.

Foi retirada boa parte do assoalho de madeira que existia no pavimento do porão (f.12) e percebeu-se recalque em um ponto no pavimento superior (f.16).

Os forros em madeira, saia e camisa, mantém bom estado de conservação. Em alguns ambientes, estes foram substituídos por forro de taquaras de bambu (f.25 e 30).

Na fundação, um muro em pedra seca de mão serve para contenção do desnível do terreno (f.10); e observaram-se pontos de umidade ascendente em alguns locais da base da alvenaria externa, causada pelos respingos de chuva provenientes do beiral (f.18 e 19).

A vedação das paredes no porão é feita em pau-a-pique e pedra de mão (f.10), apresentando boa parte em tijolos de barro, principalmente nas vedações para o exterior (f.13, 17 e 19). No pavimento nobre, as paredes do bloco histórico são feitas em pau-a-pique, apresentando pequenas trincas (f.14 e 15) e, na parte dos fundos (banheiros até varanda), construídas em tijolo de barro. A pintura é feita em caiação branca, no exterior e interior.



11



12



13



14

A cobertura é feita em telha capa e canal, em quatro águas no bloco principal e três no bloco de fundos (cozinha e banheiros). As peças estão cobertas com pátina natural do tempo, apresentando estado de envelhecimento (f.9). A trama de estrutura do bloco principal é praticamente original, percebendo-se alguns locais com telhas corridas e com afundamento do plano da água.

Não foi notado apodrecimento nem a presença de umidade ou cupim na estrutura de madeira (pilares, vergas, madres, barrotes e contra-barrotes). Porém não foi possível acessar a estrutura da cobertura.

O piso de madeira mantém junta cega, estando em bom estado (encerado), apesar de haver partes com recalque (f.16).

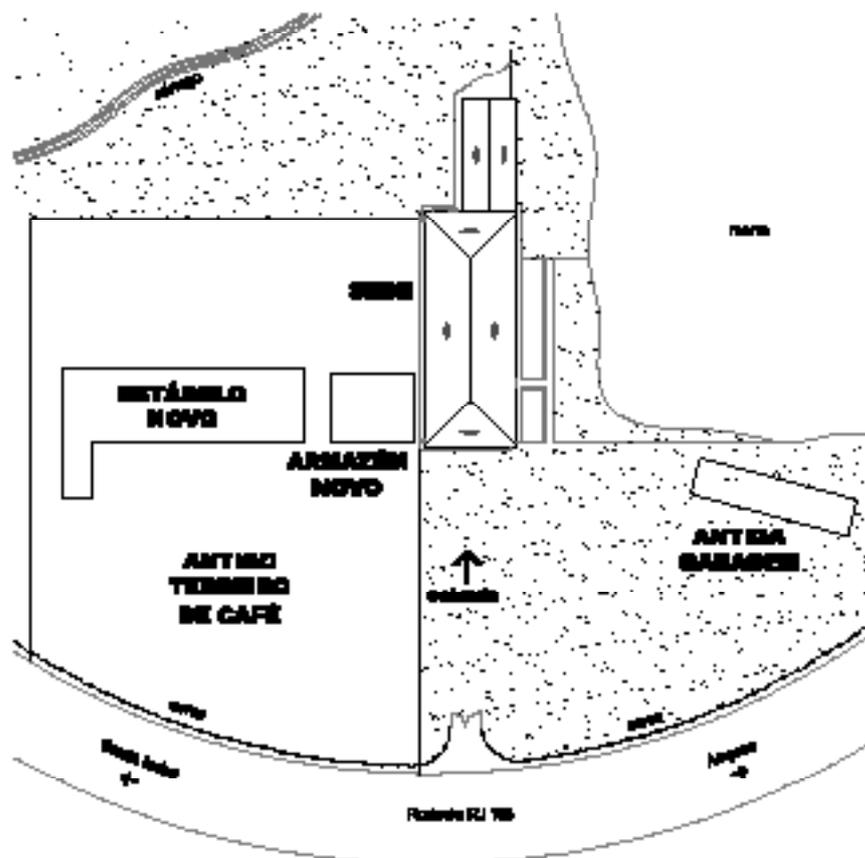
O forro em saia e camisa, em boa parte da casa, apresenta bom estado de conservação (f.20 e 28), havendo também forro de taquara de bambu (f.25 e 30).



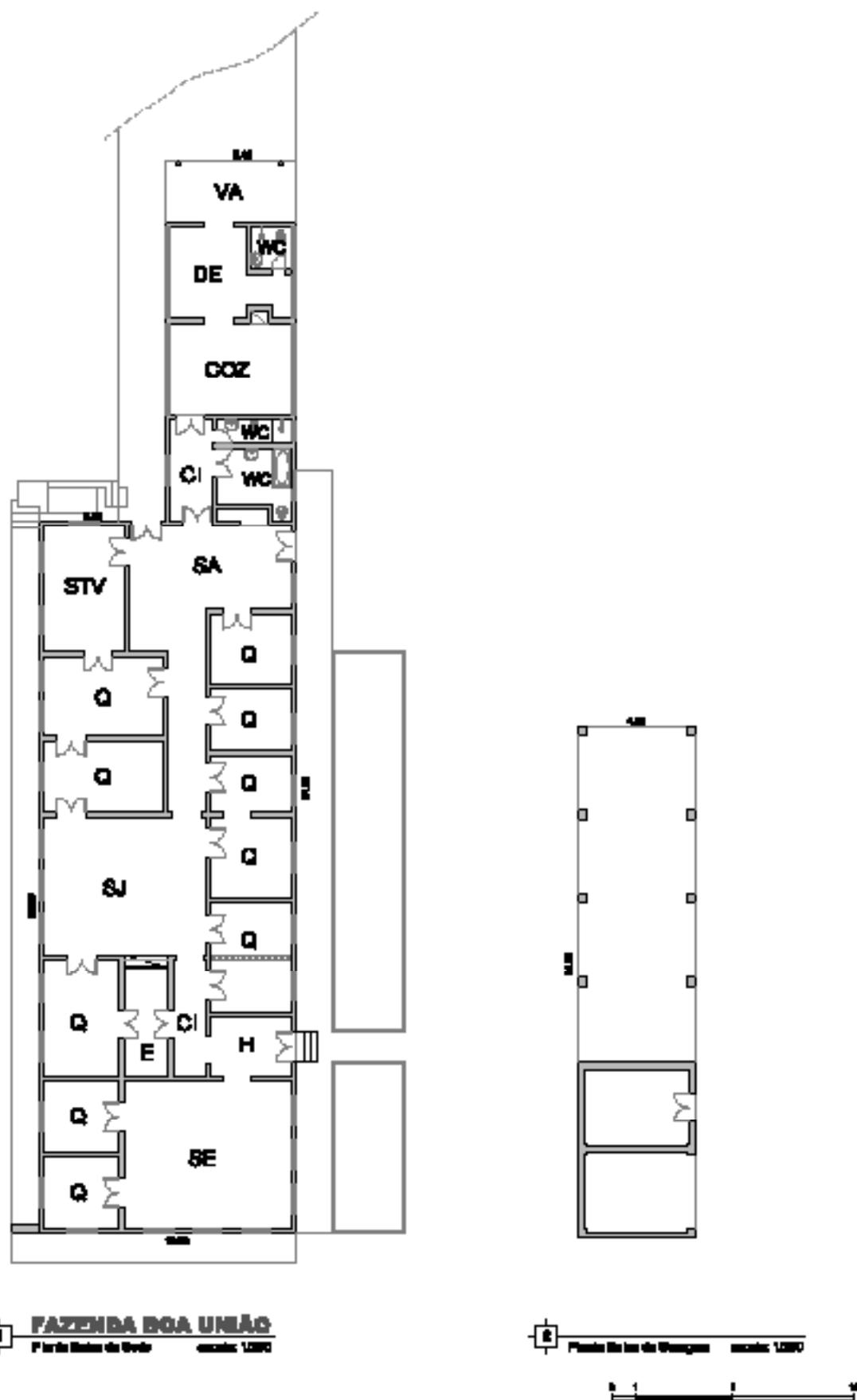
15



16



1 FAZENDA BOA UNIÃO
 Planta de Situação escala: 1/5000



1 FAZENDA BOA UNIÃO
Fazenda Boa União do Vale do Paraíba - escala: 1:200

2 Fazenda Boa União do Vale do Paraíba - escala: 1:200



- - elevações
- DE - despensa
- H - hall
- SA - sala de almoço
- SI - sala de jantar
- VA - varanda
- COZ - cozinha
- E - escritório
- CI - quarto
- SE - sala de estar
- STV - sala de jantar
- WC - banheiro
- aberturas abertas

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AIII - F02 - Val	2/2
escala:	desenho:	arquiteto:	data:
Ambel Afonso M. de Oliveira / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	José Ronaldo Reis Novais	Franciely Bourquet	nov 2007

A fazenda Boa União teve origem em terras desmembradas da fazenda São João, que foi fundada na primeira metade do século XIX por Domiciano José Alves. Ele foi pioneiro no cultivo do café nos vales do Rio São Fernando, mesmo antes da criação da Freguesia de Santa Isabel do Rio Preto, no município de Valença, ocorrida em meados do século XIX. A fazenda fica próxima à antiga Freguesia.

Como não tinha filhos, participava na administração da fazenda o cunhado e sobrinho de Domiciano, Emerenciano Alves de Moraes, casado com Severina Jacinta de Souza Meirelles, descendente direta das lendárias “Três Ilhoas”. Desde quando se casaram, em 1859, residiam na Fazenda São João, em companhia do tio. Lá nasceram seus seis filhos.

Com a expansão das lavouras cafeeiras em terras distantes da localização da sede, surgiu a necessidade da criação de novas unidades de beneficiamento de café. Sítios foram montados para atender a demanda da grande produção.

Entre 1870 e 1873, foi construído mais para o sul de São João um “sítio”, com sede própria e local para secagem e pesagem de grãos de café. No entanto, o processo de beneficiamento continuou sendo realizado nas instalações centrais.

Em 1890, Domiciano, viúvo e bem idoso, resolveu deixar São João e ir residir na casa de seu irmão na Freguesia de Santa Isabel, deixando definitivamente a fazenda. Assim, dividiu oficialmente as terras em seis partes e as doou aos sobrinhos-netos.

Álvaro vendeu sua parte ao irmão Julio César, cujas terras eram mais próximas a Santa Isabel e a essa propriedade deu o nome de “Chalé”. Domiciano, casado com América, ficou com a sede pioneira da São João. Teófilo, casado com Ormindá, adquiriu as partes de Francisco e Procópio Zoroastro, portanto, a maior parte das terras, denominadas na época de “sítio”. Foi provavelmente nesta ocasião que a união dos três sítios formou a Fazenda Boa União.

Teófilo e Ormindá, provavelmente, já residiam desde 1873 em Boa União, mesmo antes da divisão judicial das terras. Este casal, que não teve filhos, criou dois sobrinhos: José de Aquino Vaz, carinhosamente chamado de “Juquina Vaz” e Manoel, apelidado por “Boquinho”.

Por não terem herdeiros diretos, Teófilo e Ormindá deixaram a fazenda Boa União para o sobrinho de criação José, casado com Delphina, filha de Domiciano e América da Silva Moraes, herdeira da Fazenda São João.

Por volta de 1941, José de Aquino Vaz realizou a planta de divisão das terras da fazenda Boa União, dividida em cinco partes. Ao filho Francisco Vaz, apelidado de “Russo” e casado com Lycea, coube por herança 66 hectares e cinco acres, e mais a sede da fazenda. Atualmente esta histórica propriedade pertence ao filho do casal Francisco e Lycea, José Antônio Vaz.

Fontes:

informações colhidas em diversos documentos do acervo da Fazenda Boa União.



Casa-sede da Fazenda Boa União, s.a., s.d. (Acervo Antônio Vaz)

